

A IMPORTÂNCIA DO OLHAR PSICOPEDAGÓGICO NO DIAGNÓSTICO DA DISLEXIA

Lorena Machado Pires de Araújo¹
Ana Beatriz Machado de Freitas²

RESUMO

Esse artigo aborda a importância do olhar psicopedagógico no diagnóstico da dislexia. Tem os seguintes objetivos: destacar a importância do estudo da dislexia em relação a possíveis dificuldades que a criança pode apresentar na leitura e na escrita; destacar o olhar do psicopedagogo na questão em foco. Na primeira parte do artigo teremos os seguintes referenciais teóricos: Seabra e Capovilla, Barbosa e Sampaio, que enfatizam conceitos, definição e tipos de dislexia, consciência fonológica e obstáculos à aprendizagem. Na segunda parte do artigo vamos abordar os cuidados que devemos ter para evitar um diagnóstico psicopedagógico equivocado. Esse estudo foi de grande importância para o entendimento da importância de um diagnóstico precoce de dislexia e orientações a escola e a família, por parte do psicopedagogo.

Palavras – chave: Dislexia. Diagnóstico. Psicopedagogia.

THE IMPORTANCE OF THE PSYCHOPEDAGOGIC VIEW IN THE DIAGNOSIS OF DYSLEXIA

ABSTRACT

This article discusses the importance of the psychopedagogic view in the diagnosis of dyslexia. It has the following aims: highlight the importance of dyslexia study regarding the possible difficulties that the child may have in reading and writing; and also the view of psychopedagogist in the question into focus. In the first part of the article we will have the following theoretical frameworks: Seabra and Capovilla, Barbosa and Sampaio, who emphasize concepts, definition and types of dyslexia, phonological awareness and barriers to learning. In the second part of the article we will approach the care that we must have in order to avoid a misguided psychopedagogic diagnosis. This study was very important for understanding the importance of early diagnosis of dyslexia and school guidelines and the family, by the psychopedagogist.

Key words: Dyslexia. Diagnosis. Psychopedagogy.

¹ Pós-Graduação Lato Sensu em Psicopedagogia da Faculdade Araguaia.

² Docente faculdade Araguaia

INTRODUÇÃO

Esse artigo surgiu de meu interesse em compreender a dislexia, durante aulas de Psicolinguística. Estas me instigaram não só no sentido de aprofundar o conceito do distúrbio como também em adquirir elementos perceptivos capazes de apreender as características básicas que levem o psicopedagogo a concluir que determinado aluno ou aluna necessita de um acompanhamento diferenciado.

A importância de estudar a dislexia está relacionada, pois, em saber identificar possíveis dificuldades da criança referentes à leitura e à escrita e orientar as intervenções no sentido de se desenvolver a consciência fonológica.

A pesquisa tem como base referências bibliográficas (fundamentação teórica) dos seguintes autores: Seabra e Capovilla (2011); Barbosa (2006) e Sampaio (2011), que nos trazem as seguintes contribuições:

Com base em conceitos fonológicos, Seabra e Capovilla sugerem que as intervenções nas dificuldades com a linguagem escrita sejam baseadas em atividades que privilegiem a fonética e as rimas.

Barbosa (2006), com outro “olhar”, nos traz uma contribuição voltada para uma visão sócio construtivista, colocando-nos que a dislexia está relacionada não só a aspectos orgânicos, mas a outros fatores, tais como afetivos, culturais e outros.

Sampaio (2011) nos proporciona a visão de uma psicopedagogia direcionada a dificuldades de aprendizagem originadas por questões afetivas e sociais e, no caso da dislexia, aponta como causa primária das dificuldades a incidência de fatores genéticos (um gene de uma pequena ramificação do cromossomo \neq 6, por ser dominante, torna a dislexia hereditária). A autora nos chama a atenção sobre esse aspecto para que possamos orientar melhor a família e os professores.

Na primeira parte do artigo, abordaremos a definição de dislexia e seus efeitos na vida cotidiana da criança. Na segunda, destacaremos os cuidados que devemos ter para evitar um diagnóstico equivocado.

Neste sentido, a finalidade do artigo consiste em pontuar o trabalho do psicopedagogo diante do assunto abordado, ou seja, os fatores que o profissional deve levar em conta antes de se pronunciar sobre um diagnóstico favorável ou não quanto à dislexia.

A contribuição para a área está em mostrar a importância de direcionar o “olhar” psicopedagógico não só a questões orgânicas, mas também a outros fatores que possam contribuir para as dificuldades apresentadas pelo educando.

Dislexia

Tradicionalmente, define-se a leitura como a decifração do processo linguístico em que a criança vai, ao mesmo tempo, mencionando a sonoridade das letras, decodificando os símbolos escritos e compreendendo as informações contidas em um texto.

Já a alfabetização consiste no aprendizado da leitura e da escrita ao longo do período escolar mediante o reconhecimento das famílias de letras apresentadas em cartilhas. Esse processo se dá por duas rotas: lexical e fonológica.

Na rota lexical, a criança faz a leitura pelo reconhecimento de um desenho ou pela forma de uma letra, associando-os a palavras encontradas com uma certa frequência, tal como em seu próprio nome ou em nomes de comidas, bebidas, entre outros. Na rota fonológica, a criança realiza uma leitura com valores sonoros, memorizando cada letra da palavra auditivamente aos fonemas (SEABRA; CAPOVILLA, 2011). A rota fonológica, portanto, está direcionada a um aprendizado auditivo, em que o aluno, ao ouvir a transmissão do conteúdo pelo professor, já o apreende com certa compreensão. Já na rota lexical, o aprendizado ocorre pela visualização do conteúdo em forma de textos, por exemplo. Ao fazê-la, o aluno consegue compreender o conteúdo.

Seabra e Capovilla (2011, p.85) definem a consciência fonológica como uma “habilidade linguística, em que a criança vai manipulando esses segmentos fonemas e sílabas, durante a aquisição da leitura e da escrita”. Na mesma direção, Sampaio (2011, p.110) a define como “uma habilidade de segmentos dos níveis de palavras e sub palavras, rimas, sílabas e fonemas”. Portanto, os três autores identificam-se quanto à conceituação de consciência fonológica, colocando-nos que a criança a adquire quando se torna capaz de fazer a identificação dos fonemas nas palavras.

Na visão construtivista, a leitura é desenvolvida com base nas hipóteses do código alfabético e, conseqüentemente, da construção da escrita, que são construídas conforme a maturidade e o desenvolvimento cognitivo. A criança passa pelos períodos silábico, silábico-alfabético e alfabético, conforme referências de Ferreiro e Teberosky (1999), autoras que se

fundamentaram em Piaget e por isso observam os níveis de desenvolvimento, a maturação e a ação do meio.

No período de aprendizagem da leitura, ao pronunciarem as palavras, as crianças trocam algumas letras ou as acrescentam. Isso é comum no processo. Entretanto, essas dificuldades podem estar relacionadas à falta de estimulação do hábito de ler ou decorrerem de cobranças por parte da família e da escola pelo fato de a criança não estar conseguindo aprender como os demais colegas, ou também da metodologia utilizada na escola, pois algumas empregam o método fônico, e outras o modelo construtivista.

Quando há uma dificuldade acentuada, levanta-se a suspeita de dislexia, devendo-se considerar a relação idade/série. Pode-se observar ainda se essa dificuldade é “construtiva”, isto é, se é parte desse processo ou se está relacionada a um distúrbio, a circunstâncias emocionais, familiares/ou escolares desfavoráveis, caracterizando, pois, um contexto pouco estimulador. Ao se analisarem esses fatores, e não se encontrando respostas, se o problema persistir, pode-se suspeitar de dislexia.

Segundo a Associação Brasileira de Dislexia (ABD, 2015), esta é classificada como alteração nos neurotransmissores cerebrais que impede a conexão adequada entre as áreas da visão, audição e coordenação motora, dificultando o reconhecimento das letras e números.

Barbosa (2006) a caracteriza como obstáculo funcional incluindo a aprendizagem, por ser de caráter orgânico. No entanto, a autora destaca que na aprendizagem a multifatoriedade (que inclui aspectos afetivos e culturais) pode ser impulsionadora do desenvolvimento do distúrbio ou, ao contrário, resultar em obstáculos a ele.

Segundo Seabra e Capovilla (2011), a dislexia é definida como um distúrbio em que o educando tem dificuldade de identificar os fonemas nas palavras. Entre os tipos de dislexia apontados pelos autores, estão a visual e a fonológica. No caso da dislexia visual, a criança “vê” as palavras escritas em ordem contrária e, ao escrevê-las, repete essa mesma ordem. Na fonológica, a criança tem dificuldade de fazer a decodificação dos fonemas (a conversão do que está escrito em um texto com seus sons correspondentes) e a codificação (converter os sons da fala em seus grafemas correspondentes).

Segundo Silva (2009), a dislexia se manifesta nas situações em que a criança tem de decodificar os fonemas para conseguir escrever palavras ou frases. Isso se evidencia em atividades como ditado e cópia.

Seabra e Capovilla (2011) sugerem uma atividade com crianças disléxicas cujo objetivo consiste em trabalhar a identificação dos fonemas. Nesta é oferecida à criança várias cartas com figuras de objetos cujos nomes rimam de três formas diferentes, por exemplo, com três terminações: ão/, ta/, ço/. Cada criança deve retirar uma carta, dizer o nome da figura, enfatizar a rima e colocá-la numa pilha com outras figuras que tenham a mesma rima (ver anexo). Essa atividade é indicada, para os casos de dislexia fonológica, na faixa etária dos 4 aos 6 anos (Anexo A).

Um outro exemplo de atividade é sugerido por Sampaio (2014) para avaliação da consciência fonológica; por meio dela observa-se a capacidade da criança em identificar e manipular os fonemas durante a leitura. É indicada para crianças na faixa etária dos 4 aos 6 anos (Anexo B).

Fonseca (1995 apud BARBOSA, 2006) indica alguns fatores que afetam o funcionamento do organismo: problemas de discriminação auditiva, inadequação da sequência de grafemas e fonemas, inversão de imagens e letras, baixo autoconceito. Esses fatores salientados pelo autor estão relacionados à dislexia por afetarem certas disfunções do organismo, uma vez que o aluno sofre alterações nas limitações sensoriais dos circuitos cerebrais responsáveis pela coordenação visuo-áudio-motora, o que pode interferir no desenvolvimento visuoespacial, auditivo e na capacidade da integração de informações recebidas.

Entre os problemas que podem aparecer como efeitos da dislexia, segundo Sampaio (2011), estão:

Disgrafia

Na disgrafia, o sujeito apresenta uma letra feia e com garranchos. Isso acontece por causa de uma incapacidade de recordar a grafia da letra, ou seja, ao tentar lembrar um grafismo, a criança escreve muito lentamente e, com isso, acaba unindo inadequadamente as letras, de maneira ilegível (SAMPAIO, 2011, p.125).

A “letra feia” pode ser consequência da falta de coordenação motora não desenvolvida, que é característica da dislexia. Pode não ser outro distúrbio, mas uma consequência da dislexia

Discalculia

A Matemática, para algumas crianças, é, ainda um bicho de sete cabeças. Muitos não compreendem os problemas matemáticos, não conseguem entender qual operação que deveria ser feita, se adição, subtração, multiplicação ou divisão. Alguns, em particular, não entendem os sinais, muito menos as expressões (SAMPAIO, 2011, p. 117).

A discalculia é a dificuldade que a criança tem em compreender problemas e operações matemáticas. Exemplos: dificuldade em começar uma operação matemática seguindo a ordem: unidade, dezena e centena, e também na compreensão dos sinais +, x ou - diante de uma operação ou problema matemático. Torna-se “falsa” quando não propriamente um distúrbio da matemática, e sim consequência de distúrbio de leitura, ou seja, ao visualizar o número ou uma operação matemática, a criança realiza uma leitura contrária ao que está sendo repassado. Com isso, escreve ou faz a operação matemática ao contrário. Isto acontece porque ela visualiza de forma espelhada, por consequência da dislexia, e enxerga de forma contrária.

Um exemplo das dificuldades enfrentadas pelos disléxicos aparece no filme: “Como Estrelas na Terra” (2007). Trata-se da história de um menino que sofre de dislexia, estuda em uma escola tradicional, já repetiu o terceiro ano uma vez e correm o risco de que isso aconteça novamente. A história mostra que o aprendiz pode enfrentar vários obstáculos, Barbosa (2006) assim os conceitua:

Obstáculos funcionais: “[...] podem ser de caráter orgânico ou de funcionamento do pensamento e podem estar ligados tanto às hipóteses de dificuldades cognitivas, quanto as relacionadas às vinculações afetivas do aprendiz com as situações de aprendizagem” (BARBOSA, 2006, p.134).

O enfrentamento do personagem do filme nesse obstáculo foi o aspecto orgânico (presença de dislexia).

Obstáculos afetivos - “Um sujeito pode apresentar dificuldades de aprendizagem, não necessariamente por questões cognitivas e funcionais, mas, também, determinadas pelo tipo de vínculo afetivo que estabelece com as situações de aprendizagem” (BARBOSA, 2006, p.145).

No filme, observou-se a perda progressiva deste vínculo devido a frustrações que o personagem enfrentou em relação ao seu desempenho perante os demais colegas e por cobranças da família e da escola diante das dificuldades apresentadas.

Obstáculos de caráter cultural: sua presença se verifica quando “[...] o meio social, coloca “barreiras” por falta de compreensão das características apresentadas pelo aluno” (BARBOSA, 2006, p.155).

Esse obstáculo relaciona-se às restrições que o meio social coloca ao identificar uma dificuldade de aprendizagem apresentada, suprimindo a responsabilidade de acolher o educando e de oferecer os meios necessários para a sua superação. No caso do filme, temos como exemplo a rejeição por parte da família e da escola, que se manifesta com a incompreensão e a ausência de atenção. O distúrbio (dislexia) era considerado uma doença ou então um déficit cognitivo devido às “falsas” disortografia, disgrafia e discalculia.

Todos esses entraves eram julgados sob o olhar de um sistema tradicionalista que só observava os erros gramaticais cometidos, colocando restrições às dificuldades apresentadas, e direcionava o olhar apenas aos sintomas, sem procurar outras dimensões que poderiam estar relacionadas com as dificuldades que o educando estava apresentando.

Só uma metodologia adequada, que levasse em conta o histórico de aprendizagem do aluno, iria proporcionar a superação das suas dificuldades. Foi o que se deu quando houve a mediação de um professor, que empregou uma metodologia e estímulos para que os conteúdos fossem compreendidos pelo educando, dando um novo significado a “visão” de aprendizagem, que a família e a escola tinham em relação ao ensino – aprendizagem.

Na história, a criança estudava em uma escola tradicional e tinha apenas nove anos. Já havia repetido o ano e estava correndo o risco de repeti-lo novamente, pois não conseguia acompanhar as aulas, e era visto pela família como uma criança indisciplinada e com suspeita de retardo mental. Ao ser matriculada em um colégio interno, encontrou um professor que, ao ver as suas produções, identificou as características de dislexia. Esse professor mudou a visão de conceber o ensino e a aprendizagem, tanto da escola quanto da família, porque empregava uma metodologia que não só valorizava os conhecimentos adquiridos pelo aluno como também o estilo, o modo de aprendizagem da criança. E aprofundava esses conhecimentos por meio da arte.

A importância da arte para as crianças disléxicas está na multiplicidade de linguagens (plástica, visual, corporal, musical), não restritas ao verbal e com exploração do lúdico e da coordenação motora. Assim, pode contribuir para modificar a “visão” da escola sobre o aluno e também do educando sobre a escola.

O filme nos leva a uma reflexão acerca do nosso sistema educacional, que não está preparado para receber educandos com necessidades especiais ou com dificuldades e distúrbios de aprendizagem. Por isso, eles encontram “barreiras”, por falta de uma proposta pedagógica adequada para atender às suas especificidades. Esses alunos são capazes de aprender a partir de um incentivo e de uma compreensão de seu universo por parte de nós, educadores.

Os autores Seabra e Capovilla (2011) divergem da autora Laura Barbosa (2006) por trazerem os problemas de aprendizagem baseados prioritariamente em dificuldades relacionadas ao processo linguístico em que a criança realiza a decodificação dos fonemas nas palavras. Já Barbosa (2006) nos mostra esses problemas não só estão vinculados a um distúrbio, mas a outros fatores (afetivos, sociais, culturais) que podem estar relacionados ao processo de aprendizagem e influenciam nas dificuldades apresentadas.

Por outro lado, os autores se aproximam ao considerar que o aprendizado ocorre em etapas, à medida em que o processo linguístico é construído e a leitura se processa pelas rotas fonológica e lexical.

As visões teóricas propostas pelos autores nos levam a refletir que os problemas e distúrbios de aprendizagem, entre eles a dislexia, devem ser vistos na multiplicidade desses aspectos para darmos um diagnóstico que vá contribuir para a superação do educando.

A dislexia dentro de uma visão Psicopedagogia

Vimos a importância dos cuidados que devemos ter para evitar um diagnóstico equivocado quanto ao distúrbio apresentado. É importante que o psicopedagogo perceba questões relacionadas à idade/série, analisando se há sinais de outros distúrbios que envolvam a linguagem. Um deles é a deficiência intelectual, em que o educando apresenta dificuldades na competência linguística e na elaboração de discursos e argumentação; porém, as dificuldades marcantes aparecem no raciocínio lógico.

Segundo a Associação Americana sobre Deficiência Intelectual do Desenvolvimento (AAIDD, 2010), a “deficiência intelectual é caracterizada por limitações do aspecto intelectual e adaptativo, presenciada nas habilidades sociais e tarefas do dia a dia e iniciada antes dos 18 anos”. O comportamento adaptativo consiste em habilidades sociais que nos são passadas para que as executemos em nosso cotidiano, como, por exemplo, compreender as regras para que possamos conviver no meio social, bem como a linguagem e o uso do dinheiro. Já o funcionamento intelectual está relacionado à capacidade de aprendizagem e de raciocínio da pessoa e é medido tradicionalmente por testes.

A deficiência intelectual pode ser confundida com a dislexia, pelo fato de o educando apresentar dificuldades na leitura e na escrita. Entretanto a dificuldade do disléxico não decorre de deficiência do intelecto; o distúrbio é estritamente linguístico. Dificuldades de aprendizagem podem ocorrer relacionadas a ele, mas também a um problema-sintoma associado.

Para melhor nos orientar, Fernandez (1991, p.128) nos esclarece que um problema-sintoma é definido como dificuldade proveniente de um obstáculo do inconsciente que foi internalizado a partir de mitos da estrutura familiar. Esse conceito seria “ aplicável” à psicopedagogia para identificar, entre outras dificuldades, uma “ falsa dislexia”, a partir das produções realizadas pela criança e de seu comportamento, quando relacionados a entrevistas e ao histórico familiar. Assim, pode acontecer que mesmo que a escrita mostre distorções, o psicopedagogo suspeite que a aparente dislexia não seja verdadeira, conforme os conflitos familiares e/ou condutas e expectativas dos pais.

Há ainda a possibilidade de interferência de outros fatores emocionais que estejam prejudicando o aprendizado da criança, como, por exemplo: perda de alguém na família e cobranças da escola e da família pela dificuldade apresentada. Em relação aos fatores orgânicos (como os oftalmológicos ou de audição), a avaliação deve ser feita por um profissional da área. Às vezes a criança enxerga distorcido ou não se sai bem em ditado porque apresenta algum distúrbio visual ou perda auditiva. Se o problema for constatado, exclui-se a hipótese de dislexia.

O método da escola pode transformar-se em obstáculo quando emprega uma proposta de ensino voltada para uma visão tradicionalista em que o educando tem de decorar o conteúdo proposto. Já um método que tem uma visão contrária, a da tradicionalista vai buscar

uma atenção especial na construção da aprendizagem desse educando, mas com recursos adequados à superação da dificuldade apresentada.

Com base nessas análises, acredita-se que o psicopedagogo norteará suas indicações, orientações e intervenções segundo uma visão de aprendizagem interacionista, conscientizando-se da multiplicidade de fatores que estão prejudicando a aprendizagem do educando e orientando os professores/ escola e os familiares da criança para o emprego de uma pedagogia adequada à questão da dislexia.

Consideramos importantes esses cuidados abordados para que nós, psicopedagogos, façamos uma reflexão diante da nossa visão, que não pode ficar restrita apenas a questões funcionais, pois há outros fatores que podem contribuir no processo de aprendizagem.

CONCLUSÃO

No item 1, apresentamos as definições da dislexia, as diferentes causas da questão em estudo e as dificuldades encontradas pelo educando deste distúrbio. Como ilustração, destacamos o personagem do filme: “Como Estrelas na Terra”, com as observações da autora Laura Barbosa em cada obstáculo mencionado. No item 2 abordamos os cuidados que nós, profissionais psicopedagogos, devemos ter antes de afirmar que a criança é possui de dislexia.

As características da dislexia se manifestam na escola durante o período de alfabetização, no aprendizado da leitura e da escrita, mas nem sempre significam a ocorrência do distúrbio. A dislexia, “oficialmente” não se constitui como uma das necessidades especiais, segundo as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Básica (2013, p. 163-164). O documento esclarece que alunos com necessidades educativas especiais (NEE) são aqueles que apresentam deficiência ou então altas habilidades/superdotação. Alunos com deficiência são aqueles que têm impedimentos de longo prazo de natureza física, intelectual, mental ou sensorial; já os alunos com altas habilidades/superdotação são os que apresentam um potencial elevado e grande desenvolvimento com as áreas do conhecimento humano, isolado ou combinado: intelectual, de liderança, psicomotor, artístico, de criatividade, entre outros.

Entretanto, a Associação Brasileira de Dislexia propõe uma política inclusiva para as escolas que oriente as instituições de ensino a dar apoio aos educandos disléxicos, oferecendo-lhes meios para a superação das dificuldades apresentadas, sob metodologias adequadas (ABD, 2015). Evita-se, assim, a ideia de integrá-los em uma classe especial. Uma

das conquistas é a Lei Estadual do Estado de São Paulo (SÃO PAULO, 2007), que implantou um Programa Estadual para a identificação e tratamento aos estudantes com o distúrbio.

Consideramos importante uma inclusão que reconheça as necessidades desses educandos, adaptando-os a um ritmo próprio de aprendizagem e lhes proporcionando uma educação de qualidade. Não há necessidade de um currículo especial uma vez que a dislexia não afeta o intelecto. A diferença está na mediação adotada pela equipe pedagógica.

Para tanto, é preciso que os educadores vejam os disléxicos da mesma forma que os demais alunos e enriqueçam os trabalhos em sala de aula mediante metodologias de ensino de linguagem que envolvam metáforas, rimas e jogos de palavras e também recursos e atividades não verbais. Às vezes, o aluno precisará de um leitor para compreender e realizar a atividade em tempo; por isso, torna-se importante observar se a criança está compreendendo o conteúdo ministrado. Deve-se observar também a sua interação com os colegas, se não está sofrendo *bullying*, se a família acompanha as suas atividades e se há outros profissionais que fazem alguma indicação, principalmente o fonoaudiólogo.

Para as famílias, recomenda-se que evitem reprimir o filho ou a filha diante das dificuldades apresentadas e que valorizem suas conquistas, oferecendo as bases necessárias para o desenvolvimento da criança em seu meio, ajudando-a a enfrentar as limitações colocadas pela sociedade.

As leituras realizadas contribuiram para o aprofundamento de meus estudos sobre a dislexia, levando-me a uma reflexão sobre os cuidados que nós, psicopedagogos, devemos ter para evitar um diagnóstico equivocado.

Elaborar este artigo foi muito prazeroso pois levou-me a ter um conhecimento maior sobre a dislexia. E saber o quanto o trabalho psicopedagógico se torna importante para a superação das limitações apresentadas pela criança disléxica.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMERICAN ASSOCIATION ON INTELLECTUAL AND DEVELOPMENTAL DISABILITIES (AAIDD). **Definition of Intellectual Disability**. 2010. Disponível em: <www.aaidd.org> Acesso em: 23 de fev.2015.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE DISLEXIA - ABD. Disponível em: <www.dislexia.org.br>. Acesso em: 8 de out. 2015.

BARBOSA, Laura Monte Serrat. **Psicopedagogia**: um diálogo entre a psicopedagogia e a educação. 2 ed. Curitiba: Bolsa do Livro, 2006.

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Básica: diversidade e inclusão**. Organizado por Clélia Brandão Alvarenga Craveiro e Simone Medeiros. Brasília: Conselho Nacional de Educação: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão, 2013.

CAPOVILLA, Alessandra Gotuzo Seabra; CAPOVILLA, Fernando César. **Problemas de leitura e escrita**: como identificar, prevenir e remediar numa abordagem fônica. 6 ed. São Paulo: Memnon, 2011.

COMO ESTRELAS NA TERRA. Direção: Aamir Khan. Índia: PVR Pictures, 2007. Título original: Taare Zameen Par – every child is special. Disponível em: <[www.Youtube.com.br/Watch? = otq MHI BAOyQ](http://www.Youtube.com.br/Watch?%3DotqMHI%20BAOyQ)>. Acesso em: 27 mai. 2014.

FERNANDEZ, Alicia. **A inteligência aprisionada**; tradução Iara Rodrigues. 2.ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.

FERREIRO, Emília, TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da língua escrita**. Porto Alegre: Artmed, 1999.

SAMPAIO, Simaia. **Dificuldades de aprendizagem**: a psicopedagogia na relação sujeito, família e escola. 3ed. Rio de Janeiro: Wak, 2011.

SAMPAIO, Simaia. **Manual prático do diagnóstico psicopedagógico clínico**. 5ed. Rio de Janeiro: Wak, 2014.

SÃO PAULO. Lei n.12.524, de 2 de janeiro de 2007. Dispõe sobre criação do Programa Estadual para Identificação e Tratamento da Dislexia na Rede Oficial de Educação. **Secretaria da Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo**, São Paulo. Disponível em: <www.al.sp.gov.br/repositorio/legislacao/lei_2007/1254-02-01.2007.html>. Acesso em: 13 out.2015.

SILVA, Lopes Soares Esther. Conhecendo a dislexia e a importância da equipe interdisciplinar no processo de diagnóstico. **Revista Psicopedagogia**, São Paulo, v.26, n 81 p.3-6 2009. Disponível em: < <http://pepsic.bvud.org/scielo.php? Pid= S013-8462009000300014=sciarttext>>. Acesso em: 9 de fev.2014.

Recebido em 10 de fevereiro de 2016.

Aprovado em 30 de março de 2016.

ANEXO A

A. G. Seabra & F. C Capovilla

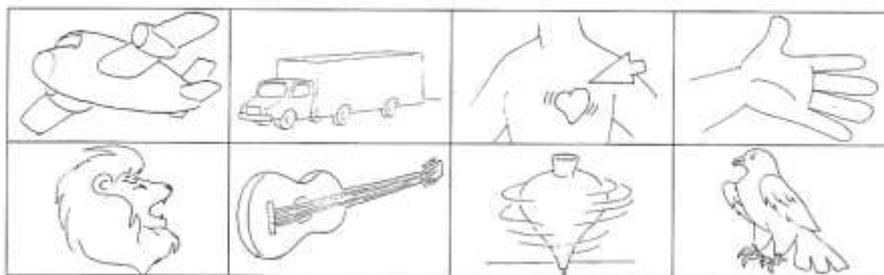
Problemas de Leitura e Escrita

Atividade 2 (Rima)

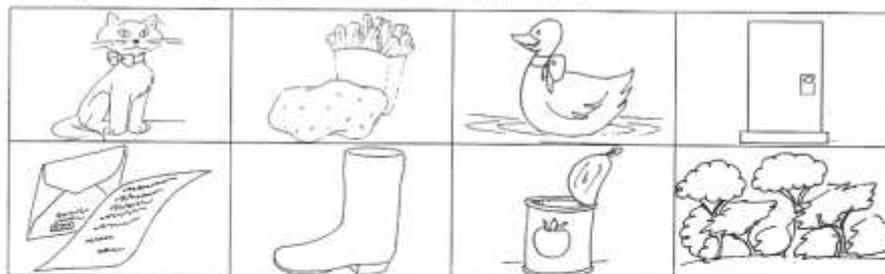
Jogos em que são colocadas diante das crianças várias cartas com figuras de objetos cujos nomes rimam de três formas diferentes. Por exemplo, pode haver três terminações: /ão/, /ta/, /ço/. Cada criança deve, então, retirar uma carta, dizer o nome da figura, enfatizar a rima e colocá-la numa pilha com outras figuras que tenham a mesma rima. Para ajudar, o adulto pode enfatizar a rima].

Material: figuras:

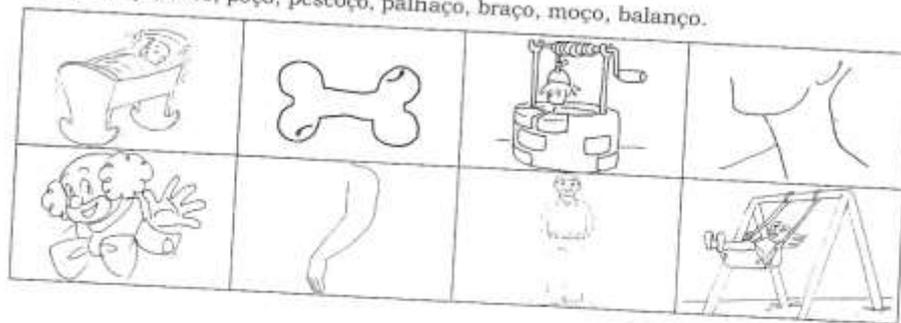
/ão/: avião, caminhão, coração, mão, leão, violão, pião, falcão.



/ta/: gata, batata, pata, porta, carta, bota, lata, mata.



/ço/: berço, osso, poço, pescoço, palhaço, braço, moço, balanço.



Discussão: Vocês viram que há palavras que terminam com o mesmo som. Nós separamos as palavras de acordo com o seu final, nós colocamos juntas as figuras que terminam com o mesmo som. Nós tínhamos figuras que terminavam com /ão/, com /ta/ e com /ço/. E nós colocamos numa pilha todas as figuras que tinham nomes que terminavam com /ão/, depois colocamos juntas as figuras cujos nomes terminavam com /ta/, e nessa última pilha colocamos aquelas cujos nomes terminavam com /ço/.

ANEXO B

AVALIAÇÃO DA CONSCIÊNCIA FONOLÓGICA

A avaliação da consciência fonológica é muito importante para o diagnóstico da dislexia. Os estudos mostram que a pessoa com dislexia possui prejuízo na identificação de rimas, manipulação de fonemas caracterizando um *deficit* na consciência fonológica e, por isso, a dificuldade da leitura, apesar de seu nível de inteligência ser normal.

Coloque alguns cartões com figuras que terminam com o mesmo som, exemplo: quatro figuras que terminam com “ão”, quatro que terminam com “eta”, quatro que terminam com “ato” etc. Peça à criança que fale o nome de todas. Se a criança não se lembrar ou falar o nome errado, o entrevistador deverá nomear e certificar-se de que a criança entendeu. Peça à criança que coloque juntas as figuras que terminam com o mesmo som. Exemplo:

- leão, pião, caminhão, balão
- laço, palhaço, abraço, braço
- borboleta, gaveta, caneta, corneta
- gato, pato, rato, mato
- acrescentar outras rimas

Coloque os cartões que começam pelo mesmo som e peça à criança que faça grupos. Da mesma forma, a criança deverá nomear as figuras antes de começar.

- macaco, maçã, mala
- cachorro, carro, caneta
- telefone, televisão, telescópio
- panela, palhaço, pavão
- acrescentar outras

Rima:

Diga-lhe que você vai dizer três palavras, mas só uma irá rimar com outra palavra que disser:

Janela – mesa, panela, sapato

Caneta – livro, gaveta, geladeira

Fogão – papel, pião, livro

Acrescente outras

Escreva uma palavra que rime com:

- Madeira _____
- Gato _____
- Rua _____
- Raiz _____
- Canção _____
- Toca _____
- Sala _____
- Foto _____
- Braço _____
- Cama _____
- Ovelha _____
- Espelho _____
- Janela _____